



APRESENTAÇÃO DA BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE EM 5 ILHAS. TEXTO GENÉRICO INICIAL (CHRYS) EM TODAS AS ILHAS A QUE SE ACRESCENTARAM TEXTOS PARA CADA ILHA

Não nasci bibliógrafo, pois toda vida fui poeta e jornalista, tarefas bem diversas da de compilar listas. De facto a pouca fama que acarreto devo-a a 24 anos de jornalismo na Austrália, empenhado na luta do povo de Timor com quem vivi de 1973 a 1975, seguida de uma prolífica atividade em Tradutologia (também na Austrália) onde durante décadas fui responsável pelo ensino e testes de candidatos a tradutores e intérpretes oficiais, e - mais recentemente - alguma notoriedade surgiu após a criação dos colóquios da lusofonia em 2001 e que desde 2005 realizam anualmente dois eventos, um nos Açores e outro fora. Das obras que publiquei saliento poesia, crónicas, monografias, e ensaios, mas nada intimamente relacionado com Bibliografias.

Por que iria eu meter-me a compilar a Bibliografia Geral da Açorianidade? Por um mero acaso e necessidade. Em 2009 criamos um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades, na Universidade do Minho, seguido em 2010 pela criação dos Cadernos e Suplementos de Estudos Açorianos gratuitamente disponíveis para todos no nosso portal www.lusofonias.net. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária¹. A sua conceção assenta na premência de a dar a conhecer, servindo de complemento aos currículos regionais e às várias Antologias de Autores Açorianos que a AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou². E foi então que constatamos a parca edição de bibliografias sobre a Açorianidade. Comecei por pedir ao Urbano Bettencourt o material do seu curso de açorianidades e despretensiosamente começamos a compilar dados sobre o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio da Silva (1859-1923), a Biblioteca Açoriana de

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

Ernesto Canto (1890), João Dias Afonso (1985-1997), entre tantas obras consultadas ³



Aos iniciados e todos os interessados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem esta EXTENSÍSSIMA bibliografia, aqui compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

³ como por exemplo

Arquivo Açoriano
Arquipélago UAç
Bibliografia Analítica Das Bibliografias Portuguesas: (--/1974)
Bibliografia Analítica De Etnografia
Bibliografia Geológica Dos Açores, OVGA
Bibliografia Geral Dos Açores, SREC
Bibliografia Henriquina
Bibliografia para A História Da Igreja Em Portugal (1961-2000).
Bibliografia Sobre Arruda Furtado
Biblioteca Do Doutor Botelho Moniz
Biblioteca Pública E Arquivo De Angra (João Afonso)
Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta
Catálogo de Publicações do Dept.º de Biologia da UAç 1976-2006
Dicionário Bibliográfico Portuguez (Inocênciao)
Enciclopédia Açoriana
Enciclopédia De Autores Açorianos Literatura Açoriana Lusofonia - Plataforma De Apoio Ao Estudo Da Língua Portuguesa No Mundo, José Carreiro, 2007-2013 [Http://Lusofonia.Com.Sapo.Pt/Acores/Acorianos_Cronologia](http://Lusofonia.Com.Sapo.Pt/Acores/Acorianos_Cronologia)
Ferreira Bibliography Of Portuguese Emigration To The Americas, Emphasis On The Caribbean
IAC, Atlântida E Insula
ICPD Insulana
Instituto Histórico Da Ilha Terceira
Instituto Histórico E Geográfico De Santa Catarina
Leo-Pap Portuguese American Bibliography
Livraria Gil Autores Açoreanos
Luso American Literature Ed. Robert Henry Moser, Antônio Luciano De Andrade Toste
O Traje Nos Açores
Observatório Da Emigração Referências Bibliográficas Sobre Emigração Portuguesa
Portuguese Heritage Publications
Romanceiro Português Dos EUA De Manuel Costa Fontes

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados (que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores). De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logamos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores.

Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia iniciada por mim em 2010, mas ainda muito incompleta, embora seja já indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

No natal de 2016, João Paulo Constância do ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada), com o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e Investigador da UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados desta Bibliografia antes de poder ser publicada em livro de 2 volumes, cujo primeiro saiu a público no 28º *Colóquio da Lusofonia* em outubro 2017 e o segundo volume ora se apresenta também.

Note-se ainda que logo a abrir este trabalho se encontra uma volumosa listagem de pseudónimos dos autores constantes da presente Bibliografia, bem como algumas das abreviaturas mais importantes usadas ao longo de mais de 1600 páginas e quase 19500 verbetes.

Devo referir que sem o apoio à publicação da Direção Regional da Cultura a que se juntou o apoio da Publiçor, Letras Lavadas, jamais seria possível à AICL - Colóquios da Lusofonia - lançar tão extensa obra, e – por isso – aqui manifestamos o nosso apreço por tal apoio.

Continuaremos a atualizar a obra, corrigindo erros e lapsos, acrescentando obras, entretanto já publicadas e outras que escaparam à pesquisa inicial. Estudamos com a editora possíveis meios de acesso em linha à obra ora apresentada, mas só após se esgotar esta primeira edição em papel.



Dia 30 novº 5ª fª Ponta Delgada BPARPD 18.00
Apresentação Dr. João Paulo Constância (ICPD) com a presença do Arq. Nuno Ribeiro Lopes, Diretor Regional da Cultura



TEXTO CHRYS EM SÃO MIGUEL 30.11.17

Eu sou um recém-chegado a estas ilhas com menos de três lustres de aprendizagem mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias açorianas quando traduzi obras de Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Manuel Serpa, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Víctor Rui Dores e outros. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que o Português do continente lhes apõe nos dicionários.

Tratava-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes a obra dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser tomada apenas como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu para si própria. Como tradutor que sou, e não como crítico literário, no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade.

Deduzi no decurso da sua tradução características relevantes para a açorianidade:

1. *O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*
2. *Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;*
3. *O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
4. *A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.*

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir essas obras - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a açorianidade?

Estando a açorianidade presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que este possa estar pelo objeto da sua tradução. A existência, ou não, de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela existência desta açorianidade⁴. Natural da ilha das Flores, Pedro da Silveira (1923-2003) captou "*as mundividências açorianas*", abrangendo na sua poesia "*as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social*", enquanto eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

⁴ <http://www.revista.agulha.nom.br/MACHADO%20PIRES.pdf> página 4, Mário Cabral em MACHADO PIRES, A.M.B., Vitorino Nemésio: *Rouxinol e Mocho*, Praia da Vitória: Câmara Municipal Praia da Vitória, 1998, 92 pp.

Cristóvão de Aguiar ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, no 11º colóquio da lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados...

Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. ... Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluiadas com todos os poderes..., foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós.

Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisito esse terreno enfastiado de tanta aridez fementida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.

Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo com este mestre contemporâneo da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aquilato em tão ínclita companhia. A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar** é Marilha, para **Daniel de Sá** é Ilha-Mãe, para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marília, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguidamente após mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente denominada Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias... Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas os autores açorianos, empreende uma viagem tridimensional repleta de sentidos.

Confluem na escrita como lava “pahoe-hoe” de aparência viscosa, mas fluida, prateada e entrançada como cordas de baleeiro. A escrita lávica dos autores destas ilhas fica a boiar no nosso espairecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémido ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só eles sabem e sentem os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcir a terra que os viu nascer...

As ilhas irão, um dia, desatar as grilhetas que as enjaulam no passado e eu ficarei então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a ilha de São Miguel, que tomei como minha, como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

- **Dia 2 dezº 2017 sábado BPARAH Angra do Heroísmo 21.00 –**
Apresentação Dr Álamo Oliveira, com a presença do Diretor Regional da Organização e Administração Pública, Dr. Victor Santos

TEXTO CHRYS EM ANGRA DO HEROÍSMO 2.12.17

Nos Açores, arquipélago atlântico, de nove belas ilhas nasceram grandes vultos da cultura e a música tradicional açoriana tem a sua génese nos primeiros povoadores, que trouxeram consigo costumes e trovas. A poesia açoriana é, desde esse início, muito mais marcada pela natureza, ou seja, tem ligação ao meio ambiente. Eduardo Lourenço⁵, defende que *“a identidade só se define na relação com o outro (...) e só o que subsiste através da sucessão dos tempos confere sentido ao conceito de Identidade”*. Esse sentido, esses agentes diferenciais inseridos na Poesia Açoriana revelam a verdadeira face do ilhéu, tão singular em cada uma das nove ilhas. Essa Poesia contemporânea, além das características que lhe conferem o estatuto de “insular”, é um labirinto.

É quase impossível entender uma obra como a de Roberto Mesquita ou Pedro da Silveira sem conhecer, ao menos de vista, o meio físico natural ou a paisagem onde essas obras foram pensadas e escritas. Os vulcões e terremotos vividos e às vezes vencidos, a emigração do povo, a solidão atlântica de cada ilha, a frequência com que esses sentimentos de insularidade, de separação e partida, se manifestam, modelam a açórica idiosincrasia. De Antero a Nemésio e aos mais coevos, há um itinerário a explorar poeticamente daquilo que se produziu nos mares açorianos.

⁵ em Portugal como Destino,

Nesta ilha é impossível não falar de autores como Álamo Oliveira, Emanuel Félix, Norberto Ávila, Luiz Fagundes Duarte, Marcolino Candeias, Joel Neto, o surrealista Manuel Machado, Vasco Pereira da Costa, Joana Félix, Diniz Borges, Luísa Ribeiro, João Afonso, Maduro Dias, Borges Martins, J H Santos Barros, António Dacosta, Artur Veríssimo, Augusto Gomes, Gervásio Lima, Cota Fagundes, o popular Charrua e a Turlu (M^a Angelina de Sousa), Frederico Lopes mais conhecido como João Ilhéu, Coelho de Sousa, José Geraldo Vieira, Mário Cabral, Mercês Simas, José Machado Lourenço, José Soares Cordeiro mais conhecido como o Manuel das Ilhas, Vamberto Freitas, entre tantos outros que nos deixaram em legado palavras que tempo algum olvidará.

A poesia mantém, de uma forma geral, a sua forte ligação arquipelágica, mas em muitos casos só se transcende quando dialoga culturalmente com todas as ilhas do mundo. Há sempre uma vivência açoriana imbuída da busca pela saudade, pela memória, pela reconstrução, com mais ou menos angústia, queixumes, lirismo. Em muitos poemas notam-se marcas da emigração, da insularidade e rumores da açorianidade que é a alma do ser açoriano, que emerge na sua obra artística e se revela no seu ser. Exprime a génese da alma de um ser-se açoriano que, sujeito a condicionantes de ordem geográfica, ao vulcanismo e aos terremotos das ilhas, e à "insularidade", criou respostas às suas ambições e combateu as adversidades que lhe foram sendo criadas. Espelha também as suas manifestações culturais e religiosas populares, a sua idiossincrasia, e os falares tão distintos de ilha para ilha, tudo isso conferindo-lhe uma verdadeira identidade açoriana. A mesma que foi transportada por mar para os quatro cantos do mundo.

O que não se pode negar é a "açorianidade" que subjaz em toda a produção artística, principalmente na literária e poética, condição por si só que se torna elemento essencial de todo o estudo estético dessa produção. São fatores a considerar as linhas orientadoras da visão de mundo, noções e conceitos que forjaram alguns aspetos predominantes e

caraterizadamente temáticos: o mar, a prevalência animista que informa e enforma a visão do mundo, as imagens emergentes dos espaços, a solidão a vencer, a insularidade.

Não se é ilhéu impunemente. Como Nemésio escreveu, [...] *a geografia, para nós [ilhéus], vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias, temos dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos olhos mergulham no mar.*

"Mas o que é isso de poesia açoriana?"

Que atributos definem um poeta açoriano? Que predicados, que qualidades, que condão definem os poetas açorianos? Será questão de geografia, de biografia, uma linhagem genealógica ou uma mera questão de latitude e longitude?

Muitos opinam que a poesia, deve apenas ser julgada pelo seu valor simbólico e estético, e nunca, por qualquer pormenor geoestratégico que aparentemente lhe retira a universalidade e a transcendentalidade. Acolho o conceito de açorianidade de José Martins Garcia que, «admite a existência de uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada dum habitat, dum vivência e dum mundividência»*. E termino, evocando Octávio Paz: "O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor" (PAZ, 1982, p. 234) ou então o que escreveu Eduardo Bettencourt Pinto: "Constitui uma chamada de atenção para as coisas do espírito, uma pausa nos desertos quotidianos, o olhar que repara e vê o Outro e nele o espelho de si mesmo. Porque a poesia apela ao esforço comum num círculo de mãos dadas, enredando a ilha que cada um é testemunha, instante a instante, em todos os recantos do mundo. Porque só através da Arte a voz do Ser não cessa, se torna em húmus e deserto noturno (PINTO, posfácio, *Nove rumores do mar* 2000, p. 162).

• **Dia 7 dezº 5ª fª Faial, Horta Biblioteca Pública** 21.00

Apresentação Dr Victor Rui Dorés, com a presença do **Diretor Regional da Juventude, Dr. Lúcio Rodrigues,**

TEXTO CHRYS NA HORTA, FAIAL 7.12.17

É uma honra estar aqui naquela que já foi a Insula de Ventura e Ilha de São Luís de França. A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de 13 anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Quando aqui cheguei descobri no Dicionário do Morais os termos “chamados” açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Trata-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à sua infância, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade.

Limitei-me a observar e a analisar o que me rodeia e depois passo ao papel essas crónicas do mundo que me envolve. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver aqui tantos escritores se deve exactamente ao facto de vivermos nestas ilhas. É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome da trilogia dos baleeiros, reler o *Mau Tempo no Canal*, parar num qualquer aeroporto e entender o *Passageiro em Trânsito* do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, *Viajar com as Sombras* ou com o *Tango nos Pátios do Sul* de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do *Pastor das Casas Mortas* ou a *Grande Ilha Fechada* de Daniel de Sá. Escolhi estes que melhor conheci quando aqui cheguei, mas há muitos outros autores que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo regional.

Nesta ilha do Faial há escritores incontornáveis como *Amílcar Goulart*, *Ângela Almeida*, *Florêncio Terra*, *Heitor Aghá Silva*, *Marcelino Lima*. *Dentre as personalidades ligadas à ilha que mais se distinguiram destacam-se ainda:*

- *Martin Behaim, ou Martim da Boémia, cosmógrafo e humanista;*
- *António José de Ávila, duque de Ávila e Bolama;*
- *António Ferreira de Serpa, genealogista e historiador;*
- *Manuel de Arriaga, político e 1.º Presidente da República Portuguesa;*
- *João José da Graça, jornalista;*
- *Osório Goulart, intelectual eclético e poeta;*
- *D. frei Alexandre da Sagrada Família, poeta e bispo de Angra;*
- *António José de Ávila, 2.º Marquês de Ávila, militar e geodesista;*
- *José de Arriaga, historiador.*

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria esta riqueza dos conhecimentos que coleccionei ao longo da minha circum-navegação e que agora condensei em livro. Aprendi mais nos países onde vivi do que qualquer universidade me poderia

ensinar. Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano.

Aqui, nesta ilha tudo me fascina desde o surrealismo dos Capelinhos a fazer esquecer a tragédia humana que lhe está associada até a essa visão paralisante do Pico. O mágico cume tem um íman que atrai a visão humana e nos desconcentra, sempre a pedir para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Ao chegar à Horta pela primeira vez, comecei por essa instituição mundial que é o Peters. O resto vem nos livros. Não bebi o obrigatório gin-tónico, mas senti o peculiar e místico ambiente.

“Cheira a Hemingway”, disse, sem saber ainda que Jacques Brel por lá andara também.

As baías deslumbram, dia ou noite, sob a sombra imponente do Pico. Este, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasma e arrebatava. Aqui há sortilégio. Esta terra marca e adoro-a. Nem demasiado grande, nem pequena, mas cosmopolita quanto baste. Logo no primeiro dia ouvi falar espanhol, italiano, holandês, sueco, finlandês, inglês, francês e português de vários quadrantes.

E depois há sempre esta magia do Pico. De olhar para ele pelos olhos de quem está no meio do triângulo. Não é fácil tentar transmitir a atração irreprimível que esta ilha exerce não obstante as mil e uma ameaças de tremores de terra catastróficos e de vulcões semiadormecidos.

Longe vão os momentos de angústia pela ocupação Filipina, pelos ataques dos corsários, e os confrontos das guerras liberais, a que se seguiria a fase de riqueza das laranjas, dos baleeiros e do cabo submarino. Apesar de bombardeada pelos Alemães na 2ª Guerra, a Horta teve um longo período de declínio e enfrenta hoje o desafio de reabilitação urbana do seu

rico património. Sem jamais perder a sua rica cultura, espera e deseja um novo Cônsul Dabney que a lidere rumo ao futuro regenerando as suas joias da Coroa. Não pode permanecer estática neste seu escadório frente ao altar do Pico e viver das crónicas de antanho. É por isso que a amo.

Termino dizendo que enquanto o Pico me seduz como uma jovem amante irresistível nos seus 750 mil anos, o Faial com mais de 800 mil anos, antes faz as vezes de esposa madura com quem nos habituamos a viver e com quem nos dispomos a passar o resto dos dias num pacto de fidelidade, partilhando alegrias e tristezas, vendo os filhos e filhas crescerem ao longe, ansiando pela visita dos netos enquanto nos deleitamos com as visitas que aqui chegam pelo mar e pintam as suas bandeiras na marina. São esses visitantes que nos trazem novas desse mar imenso que o Genuíno Madrugá andou navegando, tal como outrora outros fizeram em busca de novos mundos e gentes. Que seja o mar que nos envolve em suas carícias enquanto a terra nos faz estremecer, a trazer-nos as boas novas de novas glórias e mundos por conquistar.

Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem

• **Dia 9 de dezº sábº Pico Museu dos Baleeiros Lajes do Pico** –
21.00 horas

Apresentação Dr Manuel Tomás Gaspar da Costa com a presença da Delegada da Vice-Presidência do Governo dos Açores, Dra. Mónica Ávila

TEXTO CHRYS LAJES DO PICO 9.12.17

Com os aborígenes australianos compreendi que é possível preservar a nossa língua e cultura mesmo sem ter uma escrita por mais de 50 mil anos, com os chineses descobri o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, com os timorenses, macaenses e tantos outros aprendi outras partilhas de saber que ainda hoje fazem parte do meu quotidiano.

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em **A Narcose**, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

Foi preciso eu descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes micaelenses, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever. Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo.

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o *Mau Tempo no Canal*, parar num qualquer aeroporto e entender o *Passageiro em Trânsito* do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do *Fogo Oculto* de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá. Escolhi aleatoriamente estes que melhor conheço, mas há muitos autores que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Aqui no Pico há nomes incontornáveis neste arquipélago da escrita, (cito por ordem alfabética os mais destacados): Almeida Firmino, Dias Melo, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, Francisco Soares de Lacerda Machado, José Enes, Judite Jorge, Manuel Ferreira Duarte, Martins Garcia, Pe. Nunes da Rosa, Rodrigo Guerra, Urbano Bettencourt, e muitos outros.

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo

para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta vila que foi a primeira da ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões, e amontoarem a pedra em "**maroiços**", monumentos num rendilhado de jarões, traveses e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Duma das vezes que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem.

Chrys Chrystello, escritor, investigador, tradutor, jornalista, editor e promotor dos Colóquios da Lusofonia, acaba de dar à estampa ***Bibliografia Geral da Açorianidade*** (Letras Lavadas edições, 2017), em dois volumes, que contêm o impressionante número de 19.500 entradas.

Resultado de sete anos de trabalho (2010-2017), estamos perante uma ampla, criteriosa e extensíssima recolha levada a cabo por este luso-australiano que, deste modo, dá sequência aos levantamentos bibliográficos realizados, nos Açores, pelo micalense Ernesto do Canto, em finais do século XIX (***Bibliotheca Açoriana: notícia bibliográfica das obras impressas e manuscritas nacionais e estrangeiras, concernentes às ilhas dos Açores***, Ponta Delgada, 1890), e pelo terceirense João Afonso que, a partir de 1978 e a pedido da Secretaria Regional da Educação e Cultura, organizou a ***Bibliografia Geral dos Açores*** (Secretaria Regional da Educação e Cultura, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, 1986, 1987), publicada, em três volumes, entre 1985 e 1987, mas sem continuidade e desfecho, pois que o índice de autores ficou-se pela letra **D**.

De referir ainda que Chrys Chrystello, para valorizar a obra, recorre às notas deixadas por Pedro da Silveira sobre autores açorianos que, segundo aquele poeta e investigador florentino, deveriam merecer edição.

Havendo já dado boa conta de si com a publicação dos livros ***Crónica Açores: Uma Circum-Navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*** (Calendário de Letras, 2011) e ***Crónica do Quotidiano Inútil*** (Calendário de Letras, 2012), Chrys Chrystello dá-nos, nesta que é a *opus magnum* da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, uma lição de bom gosto, saber científico e paciência. O bom gosto nasce do amor que ele dedica aos Açores e à sua literatura, com trabalho,

sacrifício e dedicação. O saber científico é fruto de uma vida inteira dedicada à investigação. A paciência, tendo como tem muito de treino e vontade, só floresce quando é posta ao serviço de uma causa em que se acredita. Elaborar uma Bibliografia com esta grandeza traz a marca daquela serenidade e daquela certeza com que se faz uma obra para o futuro e para o serviço dos outros. Ser capaz de a corporizar é digno de destaque.

Bibliografia Geral da Açorianidade marca, desde logo, uma diferença e uma originalidade: aqui não se privilegia a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a Biologia à Botânica, da História às Ciências Sociais. Nestes dois volumes incluem-se autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros e nacionais, abrangendo Brasil, E.U.A., Canadá, Bermuda, Hawaii, etc. De resto, e muito justamente, é aqui dada particular atenção às referências bibliográficas da diáspora açoriana.

Mais do que uma obra, esta ***Bibliografia Geral da Açorianidade*** é um monumento! Um monumento à pujança editorial dos Açores, que nos remete para uma indiscutível identidade cultural.

Como entender essa identidade cultural? E como explicar as 19.500 entradas da presente Bibliografia? Começemos pelo princípio.

E no princípio era o vulcão.

O magma solidificou-se e, durante séculos, as ilhas ficaram desertas e aquietadas.

Depois, possivelmente a partir de 1427, vieram gentes de diversos pontos de Portugal e de vários países da Europa. As esperanças numa vida melhor e diferente originaram essa aventura de povoar um grupo de ilhas.

Diz-se, com ironia, que o açoriano resulta do tal português povoador que passou tão mal de viagem que não teve coragem de voltar para trás...

O que é indiscutível é que esse primeiro povoador é um outro Robinson Crusoe, ou seja, é um outro náufrago que vai lutar pela sua sobrevivência e pela sua subsistência. É um homem despojado que tem de refazer a sua vida a partir do nada.

Não nos esqueçamos que o início do povoamento das ilhas açorianas foi extraordinariamente penoso e difícil. Quando cá chegaram, os primeiros povoadores apenas encontraram mato cerrado e milhafres, em rigor, águias-de-asa-redonda (o açor nunca terá existido nos Açores). Foi preciso fazer queimadas, desbravar o solo, ensaiar as primeiras culturas, garantir as subsistências. Foi também necessário reagir às tempestades, às intempéries ciclónicas, aos sismos e a muitos outros perigos. E tal só foi conseguido com um grande espírito de entreatajuda e de solidariedade entre as populações.

É, por conseguinte, este povoador (e não colonizador: nos Açores houve um fenómeno de povoamento e não de colonização, pela simples razão de que não havia cá ninguém para ser colonizado) que, fortemente marcado pela Geografia, dará origem ao açoriano.

Os Açores são, hoje, um espaço de criação, de cultura, de ciência e biodiversidade. A Geografia tornou o açoriano sentimental, contemplativo e místico. Daí resulta uma particularidade que o caracteriza e que se prende com uma manifesta necessidade de comunicação e de expressão.

O isolamento das ilhas trouxe a solidão e esta, por sua vez, gerou a necessidade de convívio. Desde muito cedo sentiram os açorianos a urgência de quebrar silêncios e distâncias. E isto fez-se através da música, do teatro e, sobretudo, da leitura. Através desta, os açorianos cultivaram o espírito e tornaram-se cultos e sábios.

Para que tal acontecesse muito ficamos a dever a dois agentes culturais: o padre e o mestre-escola (posteriormente professor primário, hoje professor do primeiro ciclo do ensino básico), os quais, sobretudo a

partir dos finais do século XIX até meados do século XX, deram contributos decisivos para a alfabetização e para o desenvolvimento cultural das nossas gentes. Quer o padre, quer o mestre-escola não se limitaram a ensinar a ler, a escrever, a contar e a rezar, foram também responsáveis pela criação de jornais, filarmónicas, grupos corais, grupos de teatro, grupos folclóricos, tunas, agremiações desportivas e até atividades científicas. Lembro aqui, a título de exemplo, o padre Manuel José de Ávila (1851-1923), faialense, que foi reputado meteorologista.

Sim, devemos muito ao clero, e logo desde os primórdios do povoamento: primeiro com os frades franciscanos e carmelitas e, mais tarde, com os jesuítas e capuchinhos que, para além da instrução e da religião, nos deixaram outras marcas; por exemplo, com eles aprendemos os segredos de como produzir o bom vinho, as boas angelicas e as boas aguardentes – o que é também uma outra forma de cultura. Tal como ficamos a dever às freiras a nossa melhor doçaria conventual.

A religião católica impôs aos açorianos o pecado e a vergonha e, para o bem e para o mal, ensinou-os a amar o próximo, a ajudar os outros, a ser complacentes, compassivos e misericordiosos. Fomos educados na honra, no crédito, no respeito pelas autoridades. Aprendemos a ser francos, hospitaleiros, laboriosos, fortes e resolutos. E isto deixou inevitavelmente marcas em nós, nestas ilhas nascidos. Proibiram-nos de ser egoístas, logo o outro tem peso, não nos é indiferente. Até porque vivemos em sociedades pequenas, o que permite um maior conhecimento e uma ligação mais próxima entre as populações.

Mais de cinco séculos de contacto permanente com o mar e de isolamento físico, a que se juntou uma religiosidade que foi gerada no terror sagrado de sismos, vulcões e tempestades, são fatores que marcaram e moldaram a maneira de ser, estar, pensar e agir das populações açorianas. Foi esta influência do meio geográfico no espírito dos açorianos que levou

Nemésio a criar, em 1932, o conceito da “açorianidade” (por decalque de *hispanidad*, criado por Miguel de Unamuno) e que segundo Nemésio, é “esse amor elementar que não conhece razões, mas impulsos” Aliás, ficamos a dever ao autor de *Mau Tempo no Canal* a emblemática frase: “Para nós, açorianos, a Geografia vale outro tanto como a História”. **(1)**

Mas entendamo-nos: os Açores são de Portugal e a sua cultura é inseparável e indissociável de dois milénios e meio de civilização europeia, nove séculos de história portuguesa e mais de cinco séculos de vivências nestas ilhas. Mas a verdade é que passado todo este tempo, e como muito bem lembra Pedro da Silveira, *“o açoriano já não é mais o minhoto ou o alentejano que para cá veio nas naus do povoamento. Não é mais o berbere ou o flamengo – é, sim, a mistura do fidalgo lusitano com o escravo moiro; do judeu tornado cristão-novo com o artesão da Flandres; do espanhol conquistador com o aventureiro sem eira nem beira e, também, o descendente accidental do corsário inglês ou argelino”* **(2)**.

É esta riqueza de influências que faz com que o povo açoriano seja um povo historicamente definido, dotado de um imaginário e de uma memória, possuidor de uma cultura e de uma identidade próprias.

Do último quartel do século XIX ao primeiro do século XX cria-se, nos Açores, uma verdadeira imprensa de opinião, sendo de referir que a história da cultura açoriana está, efetivamente, ligada ao desenvolvimento da sua imprensa.

E não será por acaso que temos nos Açores o jornal mais antigo de Portugal e o segundo mais antigo da Europa – o “Açoriano Oriental”, fundado em 1835 por Manuel António Vasconcelos, que começou por ser um semanário e cujas opiniões geralmente emitidas eram abertamente defensoras da Carta Constitucional.

Posteriormente surgiram noutras ilhas (especialmente Terceira e Faial) uma miríade de outros jornais, folhas volantes e gazetas que veiculavam as novas ideias liberais e antiabsolutistas. Tais periódicos serviam igualmente para transmitir preocupações de índole cultural.

Quem se der ao trabalho de estudar essa época verificará, com espanto, que a qualidade jornalística e literária era bastante elevada.

Aos jornais sucedem-se, nestas ilhas, as muitas edições de livros, prática que se prolonga até aos nossos dias. É certo que a quantidade nem sempre rima com qualidade, mas a verdade é que, em nenhuma outra parcela do território nacional, existirão tantos jornais e livros *per capita* e por quilómetro quadrado.

Um estudo, mais ou menos atento do Romanceiro, do Cancioneiro, do Adagiário e da Fraseologia dos Açores, levar-nos-á a concluir que mais do que uma cultura açoriana, existe uma criatividade açoriana.

De todas as partes do território nacional, logo a seguir a Trás-os-Montes, tem sido nos Açores onde melhores e mais abundantes recolhas de temas romancísticos têm sido efetuadas. Isto só pode significar que oralidade e arcaísmo sempre foram duas características fundamentais da cultura insular. E isto porque os Açores, desde o século XV, constituíram sempre território (ultra)periférico relativamente ao Continente português, à Europa e às Américas; ou seja, estas ilhas foram sempre um espaço fechado e, como tal, não muito permeável a influências linguísticas exteriores. Resultado: este fechamento das ilhas e este secular isolamento físico foram fatores determinantes no sentido de, nos Açores, se armazenar e preservar a expressão portuguesa mais pura, mais autêntica e mais genuína.

Com efeito, muita da linguagem popular dos Açores é um exemplo da expressão arcaica, quer nos termos utilizados, quer na fonia dominante, pois não é difícil encontrar, nos falares açorianos, palavra e expressões muito

próximas da escrita dos nossos cronistas de Quinhentos. E posso aqui dar uma achega. Conheço uma idosa da ilha Graciosa que ainda hoje diz *tôdolos* e *tôdolas*, em vez de *todos* e *todas*, à boa maneira das crónicas de Fernão Lopes.

Esta criatividade açoriana está também patente na diversidade das variantes dialetais dos Açores, sendo que em todas as ilhas há um traço comum, que é precisamente a preservação da estrutura arcaica. Os povoadores, vindos do norte, centro e sul de Portugal, ao fixarem-se em diferentes ilhas, deram origem a diferentes sotaques, havendo a considerar este dado inapelável: as pronúncias dos Açores variam não só de ilha para ilha, como também, dentro de cada ilha, de freguesia para freguesia e de lugar para lugar. Há mais de 30 anos que me dedico ao estudo deste fenómeno linguístico e, a título de exemplo, posso aqui referir que, só na ilha do Pico, já recolhi 47 variantes dialetais.

Por outro lado, há toda uma produção literária açoriana que não se esgota em Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto de Mesquita, Manuel Garcia Monteiro, Florêncio Terra, Armando Côrtes-Rodrigues, Vitorino Nemésio, Natália Correia, Pedro da Silveira ou Dias de Melo. Eu próprio elaborei uma lista com mais de 500 autores que, hoje, escrevem Açores em variadíssimas áreas. **(3)**

Nas vertentes da poesia e da ficção narrativa, e só para dar alguns exemplos, avanço estes autores com obra consistente: Álamo Oliveira, Almeida Firmino, Borges Martins, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Emanuel Félix, Emanuel Jorge Botelho, João de Melo, Joel Neto, José Martins Garcia, Manuel Ferreira, Santos Barros, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, entre muitíssimos outros. Recorde-se que, na diarística e na crónica, temos dois autores que ombreiam com o que de melhor existe a nível nacional: Fernando Aires e Onésimo Teotónio de Almeida, respetivamente.

Chrys CHRYSTELLO vem mostrar e demonstrar, à saciedade, o que acima fica exposto. É que o arquipélago dos Açores é muito mais do que a sua importância geoestratégica. (“Os Açores são um porta-aviões de 600 km, tantos quantos separam Santa Maria do Corvo”, segundo Nemésio). É verdade que somos um cais aberto ao mundo. E não é menos certo que somos a sentinela avançada da Europa no meio do Atlântico. Mas é preciso entender estas ilhas como uma fronteira cultural, um espaço de cultura e de culturas, até porque os Açores constituem hoje um dos últimos redutos do medievalismo português e europeu. Em nenhuma outra parte da Europa existirá um território tão pequeno e com tão elevados índices culturais.

Este exaustivo inventário da bibliografia açoriana é a prova provada e comprovada disso mesmo e passa a constituir, a partir de agora, uma referência obrigatória no âmbito dos estudos açorianos. Que outros bibliógrafos e bibliófilos a venham completar e atualizar, eis o desafio lançado já a partir de hoje.

Horta, 4/11/2017

Victor Rui Dores

Bibliografia

- (1) Nemésio, Vitorino, *A Açorianidade*, in revista “Insula”, nº 7, Ponta Delgada, 1932.
- (2) Silveira, Pedro da, prefácio à *Antologia de Poesia Açoriana (do século XVII a 1975)*, ed. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1977.
- (3) Dores, Victor Rui, *Tanta gente a escrever Açores*, “Açoriano Oriental”, 7 de Nov. de 2007.

Publicar uma extensíssima lista bibliográfica como esta que se desenvolve em dois volumes, com um total de 1648 páginas, é obra ingente de paciência e de tamanha e exaustiva expressão que, mesmo achando-se algumas lacunas, como refere Chrys Chrystello, o seu autor, o trabalho apresentado merece a nossa imediata admiração e obriga-nos a um aplauso pelo inigualável contributo para o conhecimento da açorianidade.

Este trabalho levou sete anos a ser concretizado e, como aconteceu com Jacob, que trabalhou sete anos por Lia e outros tantos por Raquel, (*“/.../ - Mais servira, se não fora / para tão longo amor tão curta a vida”* - disse Camões), este trabalho é também a obra de uma vida. Já em 1985, João Afonso publicara uma *Bibliografia Geral dos Açores*, mas apenas o primeiro volume de um vasto conjunto viu a luz do dia.

Na nota introdutória, Chrys Chrystello explica ao que vem, dizendo que *“de uma forma geral estão aqui incluídos os trabalhos que já lográmos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores. Exaustiva é, sem dúvida, esta Bibliografia, ainda muito incompleta, mas indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.”* (pág. 29). Se é *“ainda muito incompleta”*, como Jacob, lá terá de trabalhar mais sete anos!

De facto, há muito a mostrar, além das “vacas felizes”, sobre os Açores e as suas gentes. Ser dos Açores é muito mais do que ter nove ilhas lá longe, no meio do Atlântico, de onde vem o anticiclone. A açorianidade, termo criado por Vitorino Nemésio, e que ainda é sublinhado a vermelho pelo corretor informático e não consta do *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa*, tem uma significativa expressão escrita em quantidade e qualidade, feita por autóctones e por muitos de fora, com realce para os da diáspora, que bem merece uma atenção especial e uma maior e melhor divulgação, coisa de que todos se queixam, mas os que mais podem, parece, menos fazem. Coisas do centralismo ou do egoísmo da pequenez, ou da arrogância dos “maiores”. Ou o açoriano padecimento da desimportância, de que falou José Martins Garcia.

Chrys Chrystello avisa que “*não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.*” (pág. 28).

São cerca de vinte mil entradas, relativas a autores açorianos ou a outros que tenham tratado da temática açoriana, além de outra informação sobre os “mapas célebres” da nossa geografia antiga, desde o século XIV, sinal de que já éramos conhecidos e, provavelmente, visitados, sem querer significar nada mais do que isso, pelo menos para já. Também é digno de referência especial o “legado de Pedro da Silveira”, poeta e investigador florentino, quem mais sabia acerca de autores e de livros de e sobre os Açores e os Açorianos.

E tudo isto torna estes dois volumes, editados pela editora açoriana *Letras Lavadas*, numa prova insofismável da gigantesca produção escrita açoriana, tendo em conta o facto de nem sequer atingirmos uns magros duzentos e cinquenta mil habitantes. Estatisticamente, ciência em que não confio

grandemente, isto dava qualquer coisa como um livro por cada 12 habitantes. Considerando o atávico e funcional analfabetismo e as tenras idades por que todos passamos, é digno de registo esta volumosa capacidade de escrita existente nos Açores ou sobre os Açores.

Vitorino Nemésio, ainda não suplantado, explicou muito bem o que era a açorianidade, dizendo que para nós “*a geografia vale outro tanto como a história*”. A geografia continua a valer muito hoje, mesmo que alguns políticos, mais ignorantes ou feitos palermas pela conveniência da argumentação, para enganar bairrismos de sempre, uns claros, outros escondidos, apregoem o fim da geografia, como marca decisiva da nossa natureza e essência. Talvez um caso especial more na Comunidade do Canal, onde a história suplantou a geografia e ainda teime em perdurar, apesar de haver alguma resistência e tentativa de impor a geografia, como elemento de igual valia. Não será estranho o facto de as duas ilhas, desde os tempos da monarquia serem consideradas como se de uma só ilha se tratasse. Sem querer aprofundar esta temática, neste momento, por inadequado, gostava de falar antes de “geografias”, cada uma delas associada à sua ilha, para no contexto desta obra em apreço, referir o caso particular da ilha do Pico.

É que esta ilha do Pico, onde geograficamente nos encontramos, e ainda bem, tendo em conta os seus humildes cerca de quinze mil habitantes de sua regularidade demográfica, coloca-se na primeira fila oferecendo alguns dos nomes de primeiríssima nomeada dos autores mais consagrados da literatura e do pensamento açoriano, como é o caso de José Martins Garcia, de Dias de Melo, de Nunes da Rosa, de Almeida Firmino, de José Enes. O primeiro desta lista foi notável romancista, poeta, dramaturgo, crítico literário e o último foi um

dos mais importantes filósofos portugueses do século vinte; Nunes da Rosa um dos primeiros “regionalistas” literários; Dias de Melo, o romancista dos que lutam em terra e no mar; e Almeida Firmino quem melhor sentiu a ínsula. E estes são os que da lei da morte se foram libertando, pois vivos ainda os há por aí e alguns têm valor e créditos seguros em várias áreas da escrita e do pensamento açoriano português.

Solicitei às três câmaras municipais do Pico que me facultassem a lista de livros editados e/ou apoiados por elas nos últimos cinco anos. Admitindo não ter sido claro no meu pedido, recebi listas das Câmaras da Madalena e das Lajes: uma lista das obras em posse da câmara e outra das obras apoiadas, mas sem a indicação do autor e da editora. O que pretendia era verificar a quantidade de livros que vão surgindo, como edição de autor, normalmente com apoio camarário e as próprias edições municipais pois tinha a desconfiança de nem todos os autores terem tido a sorte de se verem contemplados por esta *Bibliografia Geral da Açorianidade*. Por estas algo inapropriadas amostras ainda consegui verificar que dos mais de cem livros das listas facultadas, cerca de metade não foi inserida nesta obra.

Como afirmou Chrys Chrystello, na sua introdução e já citada, nem todas as obras terão a qualidade desejada, ou sequer qualquer notabilidade, mas são o reflexo do momento e dos interesses que se movem e fazem mover as nossas sociedades e merecem uma referência e um juízo de valor. Não quero dizer que seja esta *Bibliografia Geral da Açorianidade* o modelo e a norma para tal juízo. Todavia, alguns autores picarotos eram merecedores de integração na lista e não de sê-lo. O que quero mesmo dizer é que, além de ser interessante rever algum tipo de apoio, talvez, por vezes, menos adequado, é de salientar, de qualquer modo, a expressiva quantidade de

gente que é apoiada pelas câmaras municipais para verem os seus livros publicados. Quantidade já temos, com alguma coragem, lembrando Almada Negreiros, havemos de chegar à qualidade desejada...

Notei alguma falta especial? Devo dizer, em prol da verdade e da minha clareza e gosto literário, que sim. Se há autores não açorianos de origem, como não podia deixar de ser, os casos de Raul Brandão e de Antonio Tabucchi, para apenas citar dois, um português e outro estrangeiro, que trataram e muito bem a “coisa açórica”, também outros o fizeram e não constam da lista, como, também para citar apenas alguns e sempre em relação ao Pico, são os casos de: Miguel Real, *O Último Europeu*, Manuel Alegre, *Pico* (edição do Círculo de Amigos da Ilha do Pico) e Luísa Franco, *A Montanha e o Titanic*. (Miguel Real surge duas vezes, uma por causa do livro sobre José Enes e outra por um texto no âmbito dos *Colóquios da Lusofonia*; Manuel Alegre, uma vez, por causa de *Escrito no Mar*, (que inclui os poemas de *Pico*) na companhia do fotógrafo Jorge Barros.)

Ou, por exemplo, se se usa uma informação relativa à revista *Ponto Cardeal*, editada pela Escola Cardeal Costa Nunes, para um autor, não se devia fazê-lo para outros? Não se veja nestas afirmações uma menor consideração por esta obra, antes um elogio a todos nós, é que se a obra é imensa e revela aquilo que somos, ainda poderá ser muito mais e o seu autor até já o confessou, como ficou dito atrás.

Claro que, como picaroto, apreciei e registei o facto de ter verificado a existência nesta bibliografia de muitos conterrâneos, como:

1. Dias de Melo,
2. José Martins Garcia,
3. Nunes da Rosa,
4. Bernardo Maciel,
5. Rodrigo Guerra,
6. Almeida Firmino,
7. José Enes,
8. Tomás da Rosa,
9. Tomás Duarte Jr.,
10. Manuel Ferreira

Duarte, 11. José Carlos Simplício, 12. Manuel Emílio Porto, 13. Silvina de Sousa "Iracema", 14. Ernestina Avelar, 15. Conceição Maciel, 16. Ermelindo Ávila, 17. Lacerda Machado, 18. João Augusto Laranjo, 19. Manuel Alexandre Madruga, 20. Genuíno Madruga, 21. Urbano Bettencourt, 22. José Carlos Garcia, 23. Fernando Melo, 24. Helder Fernandes, 25. Manuel Goulart Serpa, 26. Guilherme Silveira da Glória, 27. João Homem Machado, 28. Duarte Freitas, 29. Ermelindo Peixoto, 30. Norberta Amorim, 31. Zilda França, 32. Ângela Furtado-Brum, 33. Cisaltina Martins, 34. Judite Jorge, 35. Carlos Alberto Machado, 36. Maria Guiomar Lima, 37. Maria de Jesus Maciel, 38. Rosa Goulart, 39. Rui Goulart, 40. Manuel Tomás, 41. Manuel Vieira Gaspar, 42. Josefina Canto e Castro

(Posso ter omitido algum, mas desculpas não se pedem... É que fora da literatura, é bem possível haver mais gente, além daquela que aqui referi.)

Onésimo Teotónio Almeida, provavelmente o nome mais vezes repetido nesta bibliografia, tal a imensidão da sua prolífera obra, no posfácio, manifestou o seguinte desejo: "*Importa, porém, que esta obra impressa agora em volume, possa também estar disponível online para assim multiplicar indefinidamente a sua utilidade.*" Pois é, estamos mesmo na era digital e a minha consulta, para a elaboração deste escrito, foi feita exclusivamente *online*, o que é uma vantagem e uma facilidade de busca, tanto através do nome do autor, como do nome da obra. E assim se cumpriu o desejo de um dos mais consagrados autores açorianos da atualidade.

Antes de terminar, e sobre esta *Bibliografia Geral da Açorianidade*, de Chrys Chrystello, volto a citar Onésimo Almeida, para, fazer das suas, as minhas palavras, e dizer: "Um trabalho notável desta natureza, exigindo a mais beneditina paciência e uma não menos persistente teimosia, não pode deixar de ser aplaudido. Tanto mais que é levado a cabo por

um autor não açoriano que adotou os Açores e seu espaço cultural, transformando-os numa verdadeira paixão a ponto de deixá-la preencher praticamente a sua agenda diária e o seu calendário anual."

Concordo e explico os famosos e regulares *Colóquios da Lusofonia*, tendo sido concluída a sua vigésima oitava edição, este ano realizada em Santa Maria. Um dos dois colóquios de 2018, acontecerá, em outubro próximo, aqui na ilha do Pico e vai contar com um especial amigo da ilha montanha, Miguel Real cuja obra de ficção e não só, nos últimos tempos, tem dedicado uma atenção especial a esta ilha.

Esta *Bibliografia Geral da Açorianidade*, de Chrys Chrystello, será um utilíssimo instrumento para o conhecimento da açorianidade e será uma obra histórica impossível de esquecer no que disser respeito aos autores açorianos e às produções literárias (no sentido mais lato possível) que abordem as temáticas açorianas.

Lajes do Pico, 09 de dezembro de 2017.
Manuel Tomás